

La Comédiathèque

*A aldeia
mais
bonita
de
França*

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

A Aldeia Mais Bonita de França

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Qualquer semelhança com uma aldeia francesa existente seria pura coincidência.

Rocamor de Cascabel está prestes a ser proclamada a Aldeia Mais Bonita de França. Ao mesmo tempo, a segunda volta das eleições municipais pode levar à presidência da câmara um candidato do Frente Populista. No bar *A Parte dos Anjos*, as forças vivas da aldeia debatem quem vencerá: o presidente cessante ou a sua oponente. Uma série de imprevistos perturba o bom andamento da votação, confirmando a célebre reflexão de Winston Churchill: a democracia é o pior sistema, à exceção de todos os outros.

Personagens:

Jacques Regador, presidente da câmara cessante

Baronesa de Heineken, sua oponente

Marcel(le), adjunto(a) do presidente da câmara e notário(a)

René(e), pintor(a) sem dinheiro

Maurice(tte), médico(a) bêbado(a)

Charles, novo-rico parisiense

Dominique, coronel(a) na reserva

Ramírez, polícia municipal

Sánchez, seu adjunto(a)

Claude, proprietário(a) do bar

Francine, burguesa

Brigitte, sua filha, aspirante a estrela

Mário, homem para tudo

O presidente da câmara e a baronesa podem ser interpretados pelo mesmo ator ou atriz. Marcel(le), René(e), Maurice(tte), Dominique, Ramírez, Sánchez e Claude podem ser homens ou mulheres.

Elenco possível com 12 atores/atrizes:

3H/9M, 4H/8M, 5H/7M, 6H/6M, 7H/5M, 8H/4M, 9H/3M

Elenco possível com 13 atores/atrizes:

3H/10M, 4H/9M, 5H/8M, 6H/7M, 7H/6M, 8H/5M, 9H/4M

© La Comédiathèque

A esplanada de um bar sob um letreiro luminoso: A Parte dos Anjos. Várias mesas rodeadas de cadeiras, onde estão sentados Maurice, um notável algo bêbado, René, com ar boémio, e Dominique, de porte marcial. Ouvem-se as cigarras.

Maurice – Hoje está calmo.

René – Até as cigarras cantam mais baixo do que o normal.

Dominique – A calma antes da tempestade...

Maurice – É verdade, parece que está abafado, não acham?

René – Que calor insuportável!

Dominique – Se ao menos soprasse um pouco de mistral...

René – O mistral é o ar condicionado dos pobres.

Maurice – Em que estás a trabalhar agora?

René – Espera, vou consultar o meu termómetro. (*Tira um termómetro médico do bolso e olha para ele.*) Ui! 38,5! Estou de baixa médica...

Maurice – Se tens febre, devias consultar um médico. Lembra-te que eu sou médico.

René – Estava a falar da temperatura exterior. As cigarras começam a cantar acima dos 25 graus. Eu só começo a pintar quando está abaixo dos 22.

Dominique – És ainda mais preguiçoso do que a cigarra da fábula. Pelo menos ela cantava o verão inteiro.

René – Que queres? Sou uma cigarra que não suporta o calor.

Maurice – Então, porque vieste para o sul?

René – Precisamente para descansar. Como Van Gogh.

Dominique – Van Gogh ao menos aproveitou a estadia no sul para pintar umas quantas obras-primas.

René – De certeza que fazia menos calor do que este ano...

Maurice – É verdade, isto dá sede.

Os três bebem o conteúdo dos copos.

René (*dirigindo-se ao bar*) – Madame Claude, mais uma rodada!

Claude, a dona do bar, com ar de matrona de bordel, chega com expressão carrancuda e enche os copos.

Claude – Rosé com toranja?

Os três assentem, e ela serve.

Maurice – Não ponhas muita toranja, que me dá azia.

Claude – Tem razão, doutor, o sumo de fruta é péssimo para a saúde.

Maurice – Mas o vinho é um excelente antioxidante.

Dominique – Então deves ter uma saúde de ferro.

O canto das cigarras interrompe-se de repente.

Claude – Ah, as cigarras deixaram de cantar!

Maurice – Sim, parece que está a refrescar.

Dominique (para René) – Vais poder voltar a trabalhar.

René volta a olhar para o termómetro.

René – Mas continua o mesmo calor.

Claude – Essas cigarras estão completamente malucas. Tal como o clima...

Maurice – Deve ser por causa dos pesticidas.

René – Ou talvez seja apenas a hora de descanso.

Claude – Isso mesmo, a pausa das cigarras.

Claude volta para dentro do bar. Charles, com estilo de executivo em férias, aparece.

Charles – Que calor!

René – Sim, foi exatamente o que estávamos a dizer.

Charles – E logo de manhã. Hoje não é dia para trabalhar.

Maurice – Isso é bom, estás reformado.

Charles – E vocês, os ativos? Não acham muito duro?

Dominique – Também estou reformado.

Charles – Na tua idade, eu não contaria isso a ninguém. Depois admiram-se que a Segurança Social esteja em défice.

Dominique – Continuo a ser coronel da reserva.

Charles – Ora, saber que numa terceira guerra mundial voltarás ao serviço deixa-me muito mais tranquilo.

Maurice – É verdade. Devíamos mandar os velhos para a frente de combate em caso de guerra. Uma boa guerra de vez em quando e resolvia-se o problema das pensões.

René – Imaginam a Primeira Guerra Mundial com velhos de cada lado, com andarilhos, a lutar com bengalas? Acabei de ter uma ideia. Acho que vou pintar algo sobre isso.

Charles (para René) – E que tal acabares primeiro o quadro que encomendei para pôr sobre a minha lareira?

Dominique – Que quadro é esse?

Charles – Uma reprodução de "A Liberdade Guiando o Povo".

Maurice – Bem... Isso dá trabalho!

René – Sem dúvida... (*Para Charles*) Não preferes que simplifique um pouco?

Charles – Quero uma cópia que o Delacroix pudesse ter assinado.

Maurice – Não sabia que eras tão republicano.

Dominique – Pois é, um pode ser milionário e continuar fiel ao espírito da Revolução.

Maurice – O original está no Louvre, não está? Então, que modelo usas para a tua cópia?

René tira do bolso uma antiga nota de cem francos com a imagem de Delacroix e mostra-a.

René – Uma antiga nota de cem francos.

Maurice – Agora percebo a tua paixão por Delacroix. Nostalgia, quando nos apanha...

Dominique – É verdade, nos tempos dos antigos francos ainda não havia imposto sobre a riqueza...

Charles – De qualquer forma, gostaria de tê-lo pronto antes do inverno.

René – Não te preocupes, está quase terminado.

Maurice – Só falta dar a segunda camada.

René – Mas agora está demasiado calor...

Charles – Sou cliente, não mecenas. E lembro-te que já te dei um adiantamento.

René ergue o copo.

René – Acredita, foi muito bem empregado.

Bebe o copo de um trago.

Charles – Entre um artista provençal que só pinta quando está frio, um médico que consulta no bar e um coronel que recebe por não fazer nada enquanto espera a terceira guerra mundial... A França vai diretamente para o desastre. Enfim, acabei de instalar o ar condicionado. Pelo menos vou estar fresco em casa este verão.

René – Tens razão. O calor faz muito mal às pessoas mais velhas.

Maurice – É verdade que em 2003 foi uma hecatombe. Só me chamavam para assinar certidões de óbito.

René – Não parece que tenha mudado muito desde então...

Charles – Por outro lado, se o mistral começar a soprar, terei instalado o ar condicionado para nada. E não é propriamente barato.

Dominique – O ar condicionado é como a bomba atómica: custa caro instalá-lo, mas o melhor é não precisar usá-lo nunca.

Madame Claude, a dona do bar, espreita pela esplanada.

Claude – O que é que vai ser?

Charles – Que horas são?

Claude olha para o relógio.

Claude – Hora do rosé com toranja.

Charles – Pois então, um rosé com toranja.

Maurice – Aposto que este parasita, que só vive das reformas que nós pagamos, nem vai ser capaz de pagar uma rodada.

Charles – O que tenho de ouvir! Não é com o que vocês descontam que eu consigo ter uma reforma.

Claude – Então, como vai ser?

Charles, a contragosto, tira uma nota grande do bolso.

Charles – Imagino que não tenhas troco para 500.

Claude – Tenho sim.

Charles – Pois bem, oferece uma rodada a esta cambada de restos humanos. Nunca se sabe, pode ser que os reanime.

Claude – Ou que os acabe de matar... Está bem, rosé com toranja para todos.

Claude pega a nota e vai-se embora. Charles senta-se com os outros. Dominique mergulha na leitura do jornal local.

Maurice – Não estás com boa cara. Outro problema doméstico?

Charles – É a minha piscina.

René – O que é que se passa com a tua piscina?

Charles – Está a perder água.

Dominique – Como é que uma piscina pode perder água?

Charles – Pois não sei, justamente.

René – E como descobriste que a tua piscina tinha uma fuga?

Charles – Esta manhã quis dar um mergulho, como todas as manhãs, e já não havia água.

Dominique – Ainda bem que reparaste antes de te atirares.

Maurice – Uma piscina é como uma amante: dá muito trabalho para o pouco uso que se faz dela.

Dominique levanta o jornal.

Dominique – Vocês viram isto? Rocamor de Cascabel pode ser eleita a aldeia mais bonita de França!

Maurice – Ainda não está decidido.

Dominique – Mas estamos na final. (*Voltando a olhar para o jornal.*) Dois inspetores chegam hoje à aldeia para emitir o veredito antes de o júri anunciar o vencedor.

Charles – Ah... É verdade que se vive muito bem neste pequeno paraíso. Todas as manhãs, ao abrir a janela, respiro fundo e penso que há uns meses, a esta mesma hora, respirava o ar do periférico parisiense.

Claude volta com os copos e pousa-os na mesa.

Claude – Aqui têm...

Charles – Nota-se um cheiro estranho, não?

René – Sim, como a bacalhau podre.

Claude – Estás a falar de mim?

René – São os refluxos gástricos do Maurice. Tens razão, devias deixar a toranja.

Dominique – Acho que são os esgotos. Sempre que chove um pouco, em Rocamor tudo entope.

Charles – Mas já não chove há pelo menos um mês!

Dominique – Então vamos ter de parar de tomar banho. Pelo menos até os inspetores irem embora.

Claude – Isso mesmo... E evitar puxar o autoclismo...

Claude entra no café.

Charles – Ora essa, a Madame Claude... É autêntica, não é?

Maurice – Sem dúvida. Quem visita Rocamor tem de passar por aqui.

René – Até dizem que está no Guia do Mochileiro, na secção “Vale o desvio”.

Charles – E esse nome... Não pode ser inventado. Parece mesmo que podia dirigir um bordel.

Os três trocam um sorriso cúmplice.

Maurice – Ora, Charles...

Dominique – Nota-se que ainda és novo aqui.

René – Ainda não descobriste todos os encantos da nossa pequena aldeia.

Charles – Não?

René – Digamos que ela está em pré-reforma, como o coronel.

Maurice – Mas, se for preciso, está sempre pronta a voltar ao serviço...

Riem-se. Claude regressa para limpar uma mesa. Ficam imediatamente sérios. Claude lança-lhes um olhar desconfiado e vai-se embora. Eles brindam e esvaziam os copos.

Charles – Acham que já está tudo decidido?

Maurice – Rocamor de Cascabel é uma aldeia lindíssima, isso é certo.

Charles – Referia-me às eleições municipais.

Maurice – Ah, isso...

René – Vamos deixar que a aldeia mais bonita de França eleja um presidente da câmara do Frente Populista?

Dominique – Deus não permitirá...

Charles – Frente Populista, disseste?

René – A Frente de Esquerda e a Frente de Direita decidiram apresentar uma lista comum.

Dominique – Afinal, já tinham o mesmo programa, a mesma retórica e os mesmos eleitores.

Maurice – E quase o mesmo nome.

René (*grandiloquente*) – As forças vivas desta pequena aldeia devem mobilizar-se para impedir esta infâmia. Enquanto eu viver, Rocamor não será governada por esses extremos que se tocam.

Dominique – Por outro lado, votar nesse idiota...

Charles – Quem?

Dominique – Jacques Regador, o presidente da câmara cessante.

Charles – Regador...

René – Um nome predestinado...

Dominique – É verdade que, regando toda a gente, conseguiu manter-se no cargo tanto tempo.

Maurice – Além disso, não é qualquer um. Saiu diretamente da Central...

Charles – O presidente da câmara de Rocamor é formado pela Escola Central de Engenharia?

Dominique – Acho que saiu mais da Central Penitenciária...

Charles – Ah, está bem.

René – Vocês estão com o presidente da câmara ou com a baronesa?

Charles – A baronesa?

René – A candidata da Frente Populista.

Maurice – Uf, prefiro esperar para ver.

Dominique – Tens razão. Nunca se deve tomar partido demasiado cedo. Foi assim que o meu avô acabou rapado à máquina zero após a libertação.

René – O teu avô tinha-se deitado com um alemão?

Maurice – A ocupação foi um período bastante confuso na história de França.

René – E não necessariamente dos mais gloriosos.

Brigitte, uma jovem vestida de forma muito provocante, chega para limpar as mesas.

Dominique – Ora, se não é a Brigitte, a filha da Francine!

Todos os olhares masculinos se fixam nela.

Maurice – Brigitte, o que estás a fazer neste antro de perdição?

René – Foi o único trabalho de verão que conseguiste, querida? Pensava que querias ser atriz.

Brigitte – Pois, exatamente, o meu agente acabou de arranjar-me o meu primeiro contrato: uma figuração numa telenovela. Tenho de interpretar uma empregada de mesa num bar de Marselha.

René – E por isso mandou-te estagiar com a Madame Claude?

Brigitte – Ah não, não é o que pensam! Estou a trabalhar na minha personagem.

Dominique – Ah, percebo...

Brigitte – É o método do Actor's Studio. Temos de nos impregnar da realidade. Tornar-nos na personagem.

Maurice – Pois... Ainda bem que não tens de interpretar...

Brigitte – Quem?

Brigitte começa a recolher os copos, inclinando-se de forma sugestiva sobre a mesa.

René – Uma freira, por exemplo. Imagina se tivesses de estagiar num convento para te colocares no papel. Não tenho a certeza se a tua mãe ia achar piada...

Maurice – Nem a madre superiora, já agora.

Mario, um mecânico atraente vestido com um macacão manchado de graxa, aparece.

Charles – Ora viva, Mario! *(Para os outros)* É o meu mecânico...

Ao ver Mario, Brigitte derruba a bandeja.

René – Vais ter de trabalhar um pouco mais na tua personagem. Ainda não a tens dominada.

Charles – Então, amigo, já está pronta a minha Mercedes?

Mario *(sentando-se à parte)* – Quase, senhor Charles. Não se preocupe. Ainda não me entregaram a peça. *(Para Brigitte)* Vou querer um café...

Brigitte – Já trago...

Brigitte entra no bar.

Charles – É um excelente mecânico, segundo dizem. Foi-me recomendado pelo meu notário.

Maurice – O teu notário?

Charles – Trabalha a negro e arranja peças em segunda mão a preços imbatíveis. Não sei como faz...

René (*irónico*) – Sim, eu também não...

Charles – Conhecem-no?

Dominique – O Super Mario, sim, conhecemos...

Mario lança-lhes um olhar ameaçador, e eles desistem de fazer mais comentários. Brigitte volta com o café de Mario.

Mario – Obrigado.

Brigitte sorri-lhe, nervosa. Claude sai do bar e observa a interação entre Mario e Brigitte.

René – Olha, Brigitte, serves-nos mais uma rodada? Desta vez, por conta dos anjos.

Claude – Os anjos não dão crédito.

Maurice – Já estava a ver...

Claude – Brigitte, é melhor ires ensaiar o teu papel na cozinha. O lava-loiça está cheio de pratos sujos.

Brigitte entra no bar, seguida por Claude.

Charles – A Parte dos Anjos... O que significa, afinal?

Mario – Nota-se que não é daqui...

Charles – Pois não escapa nada a este observador. Sou de Paris.

Mario – No mundo do vinho, é a parte do líquido que evapora durante a fermentação. Como não se sabe quem a leva, diz-se que é a parte dos anjos.

René – Aplica-se também à política, aliás.

Charles – À política?

Maurice – A parte do líquido que evapora quando tudo começa a fermentar logo depois das eleições... Foi exatamente o que aconteceu com a anterior administração municipal...

Dominique – É como a tua piscina, Charles. Vês que falta líquido, mas não sabes para onde foi.

René – A parte dos anjos... Está claro que não se perde para toda a gente.

Maurice – Vamos lá, a nossa vamos bebê-la já.

René – Antes que evapore.

Bebem o conteúdo dos copos. Chega a Baronesa de Heineken, uma mulher imponente, excessivamente maquilhada e vestida de forma extravagante. O papel da baronesa pode ser interpretado por um homem travestido, como o mesmo ator que faz o presidente da câmara, por exemplo.

Dominique – Olhem, aí vem a baronesa.

Charles – A famosa Baronesa de Heineken... Será mesmo nobre ou chamam-lhe isso pelos barris de cerveja que bebe todos os dias?

Dominique – Madame la Baronesa pertence a uma das famílias mais ilustres daquele pequeno país que é a Bélgica. Dizem que é aparentada com o rei.

Maurice – Com que rei?

René – Talvez com o rei da cerveja.

Baronesa – Ah, meu querido Mario, obrigada pelo meu Twingo. Desde que lhe mudou o motor, sinto que conduzo um Jaguar.

Maurice – Quem sabe. Talvez lhe tenha posto um motor de Jaguar. Se era a única peça que lhe tinham entregue nesse dia...

Baronesa – Passe pelo castelo para receber o pagamento. Em dinheiro, como combinado...

Mario – Perfeito, Madame la Baronesa.

Baronesa – Não terão visto a minha cadelinha por acaso?

Charles – Não sei. Como é ela?

René – Como um porco, mas mais pequeno. Até tem o rabo em forma de saca-rolhas.

Maurice – Então, Madame la Baronesa, continua em campanha?

Baronesa – Mais do que nunca! Olhem, se quiserem conhecer os detalhes do meu programa...

A baronesa distribui alguns folhetos pelos presentes e também a Claude, que chega para tomar nota.

Claude (*lendo*) – Vote Heineken... É um slogan que pode atrair muita gente... O que vai ser, Madame la Baronesa?

Baronesa – Sirva-me uma imperial.

Claude – Heineken? Budweiser? (*A baronesa lança-lhe um olhar fulminante.*) Estou a brincar.

Claude vai-se embora.

Baronesa – Não podemos permitir que reelejam o presidente da câmara cessante com um balanço tão desastroso! Por exemplo, no tema da segurança. Uma mulher decente não pode passear sozinha pela aldeia depois das seis da tarde sem ser abordada com todo o tipo de propostas...

Dominique – Fizeram-lhe propostas? A mim nunca...

Baronesa – E a limpeza! Não sentem o cheiro nauseabundo que esta corrupta câmara nos deixa como legado? As canalizações entopem, os ratos passeiam impunes pelas ruas, e o presidente da câmara não faz nada para resolver esta situação.

Maurice – Sem falar dos problemas de estacionamento...

Baronesa – As pessoas estacionam onde querem! Já vi até deficientes estacionarem em lugares que não estão reservados para eles. E o que faz a câmara municipal para evitar isso? Nada!

Dominique – É preciso combater as incivildades, sem dúvida.

Baronesa – Se eu for eleita presidente da câmara, proponho instalar câmaras laser em todas as ruas.

Dominique – Laser? Para visão noturna?

Baronesa – Laser, para desintegrar os infratores na hora! Sou pela tolerância zero!

Charles – Isso é bastante radical, para dizer o mínimo...

Baronesa – Admitam que já nem estamos em nossa própria casa, em França...

René – Mas a senhora é belga, não? Pelo menos de origem...

Claude volta com a imperial da baronesa.

Baronesa – Uma baronesa belga sente-se em casa onde houver cerveja, batatas fritas e um castelo. Não, referia-me a todos esses rastas extracomunitários. (*Para Mario*) Não estou a falar de si, Mario, o senhor trabalha a negro, mas pelo menos trabalha. Alguém viu a minha cadela?

Claude – Não se preocupe. Talvez tenha voltado sozinha ao castelo. Conhece o caminho.

René – E além disso, quem gostaria de roubar uma cadela que parece um porco...?

Maurice – Faça como o João Pé de Feijão: siga o rasto do seu cão. É só procurar os cocós que deve ter deixado pelo caminho.

René – É verdade, sempre me impressionou isso. Como é que um cão do tamanho de um porco consegue produzir tanto excremento?

Baronesa – Tem razão, vou procurar por ali... Antoinette! Antoinette!

Charles – A sua cadela chama-se Antoinette?

René – Não, é um diminutivo. O nome completo é Marie-Antoinette.

A baronesa sai de cena.

Charles – Mas quem é esta baronesa, afinal?

Maurice – Pelo pouco que sabemos, parece ser uma refugiada fiscal que chegou recentemente da Valónia. Pediu e obteve a nacionalidade francesa.

René – É preciso ser muito belga para pedir asilo em França por razões fiscais...

Charles – Há muitos belgas por aqui?

Dominique – Há sítios onde se encontram trufas. Aqui, encontra-se belgas.

René – Foi ela quem comprou o castelo de Rocamor.

Dominique – Sim... Essa compra escapou-me, por acaso. A câmara exerceu o direito de preferência para me impedir de comprá-lo e, no dia seguinte, o castelo foi vendido à baronesa.

Charles – Baronesa e proprietária de castelo... E é ela quem representa a Frente Populista?

Dominique – É uma monárquica de esquerda, aparentemente.

Charles – Acho que ainda não percebi todas as subtilidades da política local...

Mario – Isto é o sul, Monsieur Charles... O sul.

Mario, que quase tinham esquecido, levanta-se para sair, e todos os olhares se voltam para ele.

René – Em Rocamor de Cascabel, só há duas classes. Metade paga imposto sobre o património, e a outra metade recebe subsídios sociais mínimos.

Maurice – O que simboliza perfeitamente o espírito de abertura e fraternidade da nossa encantadora aldeia, para lá de todas as diferenças.

René – Mas, claro, às vezes isso gera certas tensões...

Dominique – Olha no jornal: luta após um concerto de rock em Rocamor de Cascabel. Eu digo que os concertos de rock deviam ser simplesmente proibidos.

Maurice – É verdade que é muito raro haver distúrbios à saída de um concerto de música clássica.

Brigitte regressa e cruza o olhar com Mario, que está prestes a sair. Numa gestualidade muito teatral, quase em câmara lenta e com música melódica ao fundo, aproximam-se um do outro, olham-se fixamente e depois beijam-se apaixonadamente, sob os olhares atónitos dos outros.

Dominique – Acham que ela também está a ensaiar o seu papel para essa telenovela?

René – Isto parece mais A Bela e o Monstro...

A baronesa regressa, alarmada. Mario e Brigitte saem juntos.

Baronesa – Raptaram a minha cadela!

Maurice – Talvez tenha sido o canil.

Baronesa – Quando abri a minha caixa do correio, encontrei um envelope... com uma orelha da Antoinette lá dentro!

Claude – Meu Deus! Uma orelha? Como Van Gogh...

Dominique – Van Gogh nunca foi raptado, pois não?

Maurice – Bom, é pouco provável que o cão de Madame tenha cortado a própria orelha e a enviado por correio depois.

René – E por que faria isso um cão? Um pintor, tudo bem, mas um cão!

Baronesa – É um rapto, digo-vos! Havia uma carta no envelope junto com a orelha. Exigem que retire a minha candidatura às municipais.

Charles – A sério?

Baronesa – A equipa do presidente da câmara cessante tenta atacar-me através do ser que mais amo neste mundo: a minha cadela!

Maurice – Ora, vamos! Deve ser só uma brincadeira de mau gosto. Os estudantes de medicina costumam fazer esse tipo de coisa. Lembro-me que, quando era estudante, deixámos no cacifo de um professor...

Dominique (*interrompendo-o*) – Tem a certeza de que é mesmo a orelha da sua cadela?

Baronesa – Querem silenciar-me! Mas estou disposta a tudo para salvar a democracia local. Irei até ao fim, custe o que custar. (*Teatralmente*) Dou-me por completo a Rocamor de Cascabel...

A baronesa sai de cena. René, Maurice, Dominique e Charles permanecem em silêncio por um momento.

Dominique – Acham que este rapto poderia ter sido ordenado pelo presidente da câmara?

Os outros parecem perplexos. Francine, uma burguesa distinta, chega.

Francine – Bom dia, bom dia.

René – Ah, bom dia, Francine! O Bertrand não está consigo?

Francine – Eh... não.

René – Que erro! Quando se é casado com uma mulher tão bonita, não se devia deixá-la sair sozinha, nem mesmo durante o dia...

Claude chega para tomar nota.

Claude – O que vai ser?

Dominique – Como estás, Francine? Há pouco, a tua filha Brigitte foi-se embora com um cliente... Não a encontraste?

Francine – Não. Que calor...

René – Conheces o Charles, certo?

Charles – Ainda não tive o prazer de conhecer Madame. Tenho a certeza de que me lembraria...

Troca de olhares amáveis entre Charles e Francine, que sorri ao elogio.

René (*apresentando-os*) – Francine de la Chatelière, Charles Benamou. Formariam um casal perfeito... O charme discreto da burguesia provincial sem recursos... e a ostentação um pouco vulgar do novo-rico parisiense.

Maurice – O Charles tem ar condicionado e uma piscina que lhe custa mais caro do que uma amante.

Francine – Isso é porque ainda não encontrou uma amante que realmente valha a pena.

Charles e Francine trocam outro olhar cúmplice.

Claude (*em voz alta*) – O que vai ser?

Francine – Muito prazer, Charles. Acabaste de te instalar na nossa encantadora aldeia?

Charles – Sim, sou novo por aqui...

Claude – O que vai ser?

René – Apesar das aparências, o Charles é um homem de bom gosto. Gosta das minhas pinturas. É um amigo das artes e um mecenas generoso.

Charles – Digamos antes um colecionador e investidor...

Claude (*gritando*) – O QUE VAI SER?!

Todos ficam desconcertados.

Francine – Eu... Vou querer um chá. Que tipos de chá tem?

Claude – Tenho chá de saqueta.

Francine – Bom, então um chá. Com uma rodela de limão, por favor.

Claude entra no bar. O telemóvel de Francine toca, e ela atende a chamada.

Francine – Sim, bom dia, Francine de la Chatelière. Liguei antes por... (*Para os outros*) Desculpem um momento...

Francine entra no bar para falar em privado.

Maurice – Tenho más notícias para vos dar. Sob segredo médico, claro...

Dominique – Seremos discretos como um túmulo.

Maurice – O marido da Francine teve um AVC.

René – O Bertrand? Quando aconteceu?

Maurice – Está no hospital desde ontem à noite.

Dominique – Se o marido morrer, não acho que ela vá ficar muito tempo sozinha naquela casa tão grande com a filha...

Maurice – O Bertrand já tinha dificuldades em mantê-la. Refiro-me à casa. Bem, e também à mulher, claro...

René – Estás interessado em comprar uma casa?

Dominique – Talvez... (*Para Maurice*) Foi grave o AVC?

Maurice – Um acidente vascular nunca é coisa pouca.

Charles – Em todo o caso, é verdade que ela faria uma viúva muito elegante...

René – Lembro-te que tu também és casado.

Dominique – Tem jardim, não é?

Charles – Sim, não muito grande, mas um jardim bonito.

René – Casas com jardim no centro são muito raras.

Maurice – Eu também me interessaria, se o preço fosse razoável...

Dominique – Ah não! Já me ganharam o castelo...

Francine regressa.

Dominique – Está tudo bem?

Francine – Alguns problemas de família...

Dominique – Sim, estamos a par.

Francine – Ah, sim? (*Maurice lança um olhar reprovador a Dominique.*) Acha que é grave, doutor?

Maurice – Bem... Não tenho o processo. Depende de quão rápido o atenderam...

Francine – Ah não, não estava a falar do Bertrand. Acabei de falar com o hospital. Acho que vai recuperar, mas ficará com uma pequena paralisia facial.

Dominique – Ainda bem.

Francine – Não, estava a falar da minha filha. Parece que está a ver a Virgem.

René – A Virgem?

Francine – Sim, a Virgem. A Virgem Maria!

Claude chega com o chá e põe-o na mesa.

Claude – A Brigitte vê a Virgem?

Francine – Acha que ela devia consultar um médico, doutor?

Maurice – Bem...

Francine – E sobre o concurso, também não sei o que fazer. O que acha?

Maurice – Que concurso?

Francine – Ela está inscrita no concurso de Miss Bocas do Ródano. Acha que devia mencionar no formulário que vê a Virgem?

René – Talvez seja uma vantagem, sim.

Maurice – De qualquer forma, se Rocamor não for eleita a Aldeia Mais Bonita de França, sempre podemos transformá-la num local de peregrinação...

Chegando Ramírez e Sánchez, vestidos como os Blues Brothers.

Dominique – Quem são estes dois palhaços? Nunca os vimos por aqui...

René – Talvez sejam os dois membros do júri do concurso...

Francine – Do concurso de Miss Bocas do Ródano?

Dominique – Do concurso da aldeia mais bonita de França!

Maurice – Devem estar aqui incógnitos...

Ramírez e Sánchez sentam-se a uma mesa.

Dominique – Bom dia, senhores. Sejam bem-vindos à nossa encantadora aldeia. Tenho a certeza de que a dona deste modesto estabelecimento terá o prazer de vos oferecer uma bebida de boas-vindas.

Claude lança-lhe um olhar fulminante. Os dois homens olham-se desconfiados antes de decidir.

Ramírez – Bem, por que não?

René – É tradição. Rocamor de Cascabel é famoso pela hospitalidade.

Claude – Pois bem... Um rosé com toranja, como os outros?

Sánchez – Nunca durante o serviço.

Ramírez – Mas bem, uma vez não faz mal. Vamos abrir uma exceção ao regulamento para não parecermos rudes. Um rosé para mim, um sumo de toranja para o meu adjunto.

Sánchez parece incomodado.

Maurice – Vão descobrir todos os tesouros que esta aldeia esconde, além da amabilidade natural dos seus habitantes.

René – Até os belgas vêm instalar-se na nossa cidade pela suavidade do clima e dos impostos locais.

Maurice – Rocamor sempre foi uma cidade aberta a outras culturas, desde que não se afastem muito da nossa...

Claude serve as bebidas.

Ramírez – Obrigado!

Sánchez – Uma receção assim é sempre um prazer. Porque, como sabem, na nossa profissão não temos muitos amigos.

Charles – Então, por onde vão começar a visita? Pelo castelo?

Ramírez – Oh, sabe como é, estamos apenas no início da nossa investigação.

Chega Marcelle, uma executiva dinâmica, com o telemóvel colado ao ouvido.

Marcelle – Sim... Sim, senhor presidente... Muito bem, senhor presidente...

Maurice – E se estiverem à procura de comprar uma segunda residência na zona, aqui têm a pessoa certa para consultar. Como notária e primeira adjunta do presidente da câmara, a Marcelle é sempre a primeira a saber das boas oportunidades imobiliárias na nossa pequena comuna.

Dominique – De facto, também é quem concede as licenças de construção...

René – É muito prático, verá... A câmara de Rocamor de Cascabel inventou o balcão único antes de toda a gente...

Charles – E, se desejar, também pode dar-lhe o contacto de um canalizador honesto ou de um bom mecânico que trabalhe sem fatura.

Marcelle guarda o telemóvel.

Marcelle – Já conheceram os dois novos membros da nossa polícia municipal, criada pela câmara para garantir a tranquilidade dos nossos cidadãos?

René – Uma polícia municipal?

Ramírez – Chefe Ramírez, e este é o meu adjunto Sánchez.

Marcelle – Dois grandes profissionais, acreditem. Eram verdadeiros polícias da Polícia Nacional, mas infelizmente tiveram de se demitir após um incidente.

Sánchez – Estamos a investigar o desaparecimento do cão da baronesa.

Ramírez – Sem descartar a possibilidade de que tenha sido ela própria a organizar o desaparecimento para desacreditar o presidente da câmara cessante...

O telemóvel de Sánchez toca, e ele atende.

Sánchez – Sim... Não? Afirmativo... Transmito... (*Guarda o telemóvel.*) A baronesa acabou de receber a outra orelha e o rabo do cão.

Marcelle – Meu Deus, que horror!

Ramírez – Duas orelhas e um rabo, já é demais.

Dominique – Pobre Antoinette. Se continuarem assim, ainda lhe cortam a cabeça.

Marcelle – Senhores, não os retemos mais. Este pobre animal é um cidadão como qualquer outro e merece a proteção da nossa nova polícia municipal, da qual vocês são a linha da frente.

Ramírez – Pode contar connosco, senhora primeira adjunta.

Marcelle – Ah, aqui está o senhor presidente da câmara.

Chega Jacques Regador com estilo de cowboy: mocassins, chapéu Stetson e óculos Ray-Ban. Pode ser o mesmo ator que interpreta a baronesa.

Presidente da Câmara – Bom dia, senhores. (*Para Ramírez e Sánchez*) Ainda não tivemos o prazer de nos conhecermos. Sou Jacques Regador, o presidente desta pacata aldeia.

Ramírez – Os meus respetos, senhor presidente. Sánchez, não acaba o seu sumo de toranja?

Sánchez – Sim, sim...

Ramírez e Sánchez vão-se embora.

Presidente da Câmara (*para Claude*) – Madame Claude, sirva o mesmo para estes senhores e ponha na minha conta pessoal.

Claude – Quer dizer na conta da câmara?

Presidente da Câmara – Quando se é presidente, é-se presidente 24 horas por dia, certo? Não se tem vida pessoal. Como poderia ter uma conta pessoal separada da conta da câmara? Amigos, conto com o vosso apoio nestas eleições, não é verdade?

Charles – Depende... Qual é o seu programa?

Presidente da Câmara – Você é novo aqui, não é? Mas um bom candidato não precisa de programa. Assim como um bom general não precisa de um mapa. Não é verdade, coronel? Um bom presidente sabe o que tem de fazer.

Dominique – Claro, senhor presidente.

Presidente da Câmara – E sabem que podem contar comigo. Por exemplo, para a eleição da Aldeia Mais Bonita de França. Não foi sob a minha liderança que Rocamor de Cascabel chegou à final?

René – Mas a eleição ainda não está decidida.

Presidente da Câmara – Votem em Jacques Regador e, acreditem, é como se já estivesse feito. O júri reúne-se num estabelecimento de Marselha onde sou um cliente habitual. Não é verdade, Madame Claude? Um júri é como um jardim de flores. Tem de ser regado abundantemente para dar bons resultados. Dito isto, despeço-me. O dever chama-me.

Sai.

Maurice – Parece que tem pressa.

Marcelle – Sim, eu também, na verdade. Tenho de voltar à câmara para cobrir a interinidade. Imaginem, vou celebrar o meu primeiro casamento gay...

René – O presidente não quis ocupar-se disso pessoalmente?

Charles – Mau ponto para ele. Pessoalmente, nunca votaria num candidato que não se comprometesse a respeitar os direitos de todas as minorias.

Marcelle – Sim, sim... Não, não... Posso garantir que o vosso presidente da câmara é completamente a favor do casamento para todos.

Charles – Então?

Marcelle – Digamos que... teve um pequeno contratempo.

Charles – Pois claro... É sempre o que dizem.

Marcelle – Bom, digamos que era um grande contratempo. (*Baixando a voz*) Tinha de ir assinar o controlo judicial. Bem, tenho de ir. O amor não espera...

Marcelle sai.

Charles – Acham que o Regador ainda tem hipóteses de ganhar?

Maurice – Se não voltar para a prisão antes das eleições.

Charles – De que é acusado, exatamente?

Dominique – Corrupção passiva, como se diz agora. Antes chamávamos de suborno.

René – Ele tira a parte dos anjos diretamente da fonte...

Ouve-se um barulho de pneus seguido de um som de colisão.

Dominique – As pessoas aqui conduzem como doidas. Sabiam que Bocas do Ródano é o departamento com mais acidentes de França?

Maurice – Mais um acidente na Avenida dos Plátanos, provavelmente. Apesar da linha contínua.

René – As únicas linhas contínuas que os jovens daqui respeitam são as de cocaína.

O telemóvel de Maurice toca.

Maurice – Sim? Não! Sim, sim... Bom, já vou...

Dominique – Não é sobre o Bertrand, pois não? Estamos todos muito preocupados com a saúde dele...

Maurice – É sobre a baronesa.

René – A baronesa?

Maurice – Acabou de sofrer um acidente de carro...

Dominique – Grave?

Maurice – Segundo o novo xerife e o seu adjunto, só a mala dela sobressai daquele amontoado de metal retorcido.

Francine – Meu Deus! Com tantos loucos ao volante... Tenho sempre medo pela minha filha quando está na estrada. Espero que, ao menos, a Virgem a proteja...

Maurice – Bem, tenho de ir... Estão à minha espera para assinar a certidão de óbito.

Dominique – Já? Bem, não perdem tempo.

Maurice sai de cena.

Claude – No final, baronesa ou não, somos todos pouca coisa...

Claude volta para dentro do bar.

René – Ouve, Charles, já imagino a tua resposta, mas poderias adiantar-me algum dinheiro? É para, quem sabe, participar na compra de uma coroa para a falecida baronesa...

Charles – Se já sabes a resposta, para quê perguntar...

René – Bem, se não houver outra opção... Vou ter de ir trabalhar um pouco, então.

Charles – Isso mesmo, força...

Francine – Bom, tenho de ir visitar o meu marido no hospital, ver se precisa de meias limpas ou algo assim...

Dominique – Se não te importas, acompanho-te. Assim posso ter uma ideia do estado de saúde dele. Já te disse que estou à procura de uma casa para comprar em Rocamor? Com jardim, de preferência...

Charles – Eu também vou. Preciso de tratar da minha fuga... E ainda não votei.

René e Charles saem por um lado, Dominique e Francine por outro. Ramírez regressa com Marcelle.

Marcelle – Um caso complicado...

Ramírez – Conseguiu contactar o presidente da câmara para informá-lo?

Marcelle – Ainda não. O telemóvel dele não atende.

Ramírez – Seguramente é só mais um acidente de trânsito, mas, claro, não poderemos evitar que as más línguas digam que a sorte está do lado do presidente cessante...

Marcelle – É evidente que se livra a bom preço da sua rival nas eleições...

Ramírez – Acha que a baronesa pode ter sido assassinada, como a princesa Diana?

Marcelle – Em qualquer caso, quando chegar o momento do funeral, esta morte súbita vai parecer suspeita... É melhor resolver este caso rapidamente, Ramírez, se quiser manter o seu posto de xerife em Rocamor de Cascabel.

Ramírez – O médico legista está a fazer a autópsia dos restos humanos encontrados incrustados no motor daquele Jaguar...

Marcelle – Um Jaguar? Mas o carro da baronesa era um Twingo.

Ramírez – Bem, o motor que se chocou contra a baronesa era de um Jaguar. E acredite, seis cilindros em V a todo vapor fazem um estrago enorme num pedaço de carne como aquele.

Marcelle – Mas alguém deve tê-la identificado, não? Não sei, ela tinha filhos?

Ramírez – É como pedir a um bezerro que reconheça a mãe num monte de hambúrgueres.

Francine regressa, e Marcelle interpela-a.

Marcelle – Ah, Francine, estive a pensar no que me contou sobre a sua filha Brigitte. É verdade que, se conseguíssemos transformar a aldeia num local de peregrinação, como Lourdes, seria excelente para os pequenos comerciantes, que são a base do nosso eleitorado.

Francine – Acha mesmo? Não gostaria de traumatizar a minha pobre filha. Mas, se é bom para o comércio...

Marcelle – No entanto, deveríamos apresentar um dossiê sério ao Vaticano para autenticar essas aparições... Desculpe-me por perguntar, Francine, mas hoje em dia... Tem a certeza de que a Brigitte não consome drogas?

Francine – Francamente, não creio... Eu própria fumo um charro com ela de vez em quando, para não parecer muito antiquada, mas nenhuma substância alucinógena, asseguro-lhe.

Marcelle – E... ela não tem uma certa tendência para a mitomania?

Francine – Está a insinuar que a minha filha é uma mentirosa? Concordo que não é batizada, mas estuda num colégio católico.

Marcelle – Sabe como são nessa idade. A exaltação da juventude. Acham que veem a Virgem e, na realidade, é a Taylor Swift ou a Madonna. E onde viu a Virgem, exatamente?

Francine – No iPhone dela.

Marcelle – No iPhone?

Francine – Estava a navegar pelo TikTok e, de repente, a Virgem apareceu em ecrã completo.

Marcelle – Uma aparição da Virgem na internet? Não sei se o Vaticano homologaria isso. Tem a certeza de que não é um vírus informático? O que acha, Ramírez?

Ramírez – Precisamos que a sua filha nos dê uma descrição precisa da Virgem que viu. Vamos fazer um retrato-robô e depois submetê-lo ao padre da aldeia. Sem dúvida, ele é a pessoa mais capacitada para reconhecer uma Virgem quando a vê na internet.

Marcelle – Bom, talvez seja melhor esperar um pouco. Parece que o padre era muito próximo da baronesa... Já me entende. Deve estar muito abalado com o desaparecimento dela.

Ramírez – Tranquila, agiremos com tato.

Marcelle – E a sua filha não faz milagres, por acaso?

Francine – Na escola, com certeza que não... Porquê? É absolutamente necessário?

Marcelle – Digamos que seria preferível. Uma santa sem milagres é como um médico que não dá baixas médicas... Para que serve?

Chegando Sánchez, acompanhado de Maurice, que veste uma bata branca manchada de sangue.

Ramírez – Ah, aqui está o médico legista. Pode dar-nos as primeiras conclusões da autópsia...

Marcelle – Maurice?

Ramírez – O legista oficial está de férias nas Canárias, por isso requisitámos o médico da aldeia. De qualquer forma, é melhor resolver isto em família, não acha?

Francine – Bom, tenho de voltar ao hospital. Parece que o meu marido acabou de sofrer um segundo derrame. Os médicos disseram-me que o terceiro pode ser o último...

Marcelle – Não quero insistir muito, mas se a sua filha Brigitte pudesse ir também... Nunca se sabe, um milagre é sempre possível.

Francine – Não quero criar falsas esperanças. Ele já está paralisado do lado direito.

Marcelle – Bastaria um pequeno milagre...

Francine – Vou ver o que posso fazer.

Sánchez – O doutor tem algo a dizer-vos, e aviso já que é forte...

Marcelle – Estamos a ouvi-lo, doutor. Fale sem receios.

Maurice (*para Francine*) – Bem, Francine, normalmente isto está coberto pelo segredo médico, mas já que estamos aqui em busca da verdade... A tua filha está grávida.

Marcelle – Mas o que isso tem a ver com a nossa investigação?

Sánchez – Referia-me às análises feitas à vítima deste acidente...

Francine – Mas quem é o pai?

Marcelle – Talvez a investigação revele isso, Francine... Agora, se nos dá licença. Todo este assunto é agora segredo de Estado...

Francine sai. Todos olham para Maurice.

Marcelle – Então, e agora?

Maurice – Ah, sim, desculpem... Bem, segundo as minhas observações, só havia um corpo no veículo acidentado, e as análises não deixam dúvidas: não era humano.

Marcelle – Não me diga que era um invasor extraterrestre a conduzir o carro da baronesa. Porque, aqui, os únicos invasores não vêm de Marte nem de Vénus, acredite...

Maurice – Não se preocupe, não era uma criatura extraterrestre. O que quero dizer é que... a vítima do acidente era um cão.

Ramírez – Um cão? Mas, doutor, um cão não pode conduzir um carro!

Sánchez – O que poderia explicar o acidente.

Ramírez – Que caso estranho... Identificou o cão, Sánchez?

Sánchez – Revisei os registos, chefe. Em todo o caso, não é um cão conhecido pelos serviços policiais.

Marcelle – Acha que pode ser o cão da baronesa?

Sánchez – Não creio. Aquele cão tinha as duas orelhas e a cauda...

Ramírez – Enquanto que as orelhas e a cauda do cão da baronesa chegaram pelo correio.

Marcelle – Acompanhem-me lá para dentro, preciso de uma bebida.

Ramírez – Eu também. (*Sánchez prepara-se para os seguir.*) Sánchez, veja com o doutor se consegue descobrir a quem pertencia o cão. Não sei, talvez não tivesse cinto, mas pode ser que usasse coleira.

Sánchez vai-se embora com Maurice. Ramírez e Marcelle entram no bar. René chega com uma pintura debaixo do braço.

René – Ah, Charles, terminei o teu quadro.

Charles – Já?

René – Uma iluminação... Veio-me de repente, como uma aparição da Virgem...

Charles (*olhando para o quadro, que representa uma Virgem com uma criança*) – Mas isto não foi o que encomendei...

René – Não, mas é muito melhor!

Charles (*examinando novamente*) – É verdade que é a tua melhor obra em muito tempo. Mas normalmente os temas religiosos não são o teu forte...

René – Talvez seja a idade... Estou a tornar-me mais místico.

Charles – E quanto ao tamanho, não sei se cabe por cima da minha lareira...

René – Então, ficas com ele ou não? É uma obra completamente original, não uma cópia! Com as poucas pinturas que fiz na vida, sabes que este quadro valerá uma fortuna quando eu morrer. O raro é caro...

Charles – Está bem, fico com ele.

Charles prepara-se para sair com o quadro.

René – E o meu dinheiro?

Charles – Faço-te um cheque?

René – Preferia em dinheiro...

Charles – Nesse caso, tenho de passar pelo banco.

René – De acordo, conto contigo. E acredita, estás a fazer um bom investimento.

Charles sai. Dominique regressa.

René – Então, como está o Bertrand?

Dominique – Melhor, infelizmente.

René – Queres dizer felizmente, imagino...

Dominique – Não foi isso que eu disse?

René – Então vais ter de procurar outra casa para comprar...

Dominique – Por falar nisso, sabias que a baronesa tinha vendido o castelo com renda vitalícia?

René – Não, quem te disse isso?

Dominique – A notária dela.

René – Marcelle?

Dominique – Com renda vitalícia, percebes?

René – Mas a quem?

Dominique – Marcelle não quis dizer-me. Diz que é segredo profissional. Mas, com a morte da baronesa, dá para perguntar quem beneficia com o crime. Já votaste?

René – Ainda não. Acompanho-te.

Saem. Ramírez e Marcelle saem do bar.

Marcelle – O presidente da câmara ainda não voltou do controlo judicial. Começo a preocupar-me...

Ramírez – Talvez tenham decidido ficar com ele.

Sánchez chega.

Ramírez – Novidades, Sánchez?

Sánchez – O talhante analisou as orelhas e a cauda do cão da baronesa que encontramos no envelope.

Marcelle – O talhante?

Ramírez – Já disse, o legista está de férias e, como o veterinário também não estava disponível, tivemos de recorrer ao talho halal de Rocamor.

Marcelle – E então?

Sánchez – Os resultados são conclusivos: tratam-se de orelhas e cauda de porco.

Marcelle – Caramba! Então o cão da baronesa era, na verdade, um porco?

Ramírez – Ou então as orelhas e a cauda do envelope não eram do cão da baronesa.

Sánchez – Mas esse cão morreu ao volante daquele Twingo equipado com um motor de Jaguar.

Marcelle – Decididamente, este caso está a complicar-se... O que acha, Ramírez?

Ramírez – Talvez o objetivo do acidente fosse a baronesa, e o cão tenha sido uma vítima inocente de um erro. E se este atentado contra a baronesa não tivesse nada a ver com a candidatura dela às eleições?

Marcelle – Então o rapto do cão seria apenas uma distração?

Ramírez – Pode haver uma ligação entre este atentado falhado contra a baronesa e a venda com renda vitalícia do castelo dela.

Marcelle – Isso não nos diz onde está a baronesa...

Sánchez – Ou ela morreu no acidente e alguém fez o corpo desaparecer.

Marcelle – Mas porquê?

Sánchez – A menos que o corpo se tenha volatilizado.

Marcelle – Mas como?

Ramírez – Outra pergunta sem resposta...

Sánchez – Esse carro foi o túmulo dela... mas o túmulo está vazio.

O telemóvel de Sánchez toca.

Sánchez – Sim? Muito bem, obrigado. (*Guarda o telemóvel.*) Fiz um apelo a testemunhas e acabo de receber um primeiro depoimento. Alguém acha que viu a baronesa num bordel em Marselha.

Marcelle – Então está viva! (*Vira-se para Ramírez.*) Está pensativo, Ramírez. Se tem uma ideia para avançar nesta investigação, este é o momento de partilhá-la...

Ramírez – Isto não lhe faz lembrar nada, esta história de túmulo vazio e o ocupante reaparecendo dias depois?

Marcelle – Bem, não...

Ramírez – A ressurreição de Cristo!

Marcelle – Hmm... Talvez tenha ligação com a Brigitte, que vê a Virgem.

Sánchez – Talvez a baronesa seja uma santa e tenha vindo a Rocamor de Cascabel para expulsar os invasores da Aldeia Mais Bonita de França.

Marcelle – A Donzela de Rocamor... Isso também poderia vender lembranças, camisolas e porta-chaves...

Claude – Bem, mas Jesus não reapareceu num bordel, isso é certo...

O telemóvel de Sánchez toca novamente.

Sánchez – Sim? Não? Sim, sim... (*Guarda o telemóvel.*) Há novidades. Encontraram a baronesa, ejetada do carro a várias dezenas de metros do acidente. Estava incrustada num plátano, por isso não a localizaram de imediato...

Marcelle – É grave?

Sánchez – O plátano já estava podre. Não resistiu ao impacto.

Marcelle – Estou a falar da baronesa!

Sánchez – Ah, claro. Os bombeiros estão a retirá-la, mas, infelizmente, parece que sucumbiu, tal como o plátano.

Claude – Ao menos os seus próximos poderão fazer o luto.

Sánchez – É verdade que é muito raro não encontrar o corpo num acidente de viação...

Marcelle olha para a tela do seu telemóvel.

Marcelle – O presidente da câmara continua desaparecido. Mandeí uma mensagem ao comissariado onde devia assinar. Acabaram de responder que ele não se apresentou ao controlo judicial...

Claude – Talvez tenha fugido...

Ramírez – Uma fuga voluntária para escapar à justiça? É uma possibilidade...

Entram no bar. Mario e Brigitte chegam.

Brigitte – Tenho de voltar a trabalhar na minha personagem... Então, o que fazemos?

Mario – Amas-me?

Brigitte – O suficiente para estar grávida. Mas não o suficiente para ter a certeza de que és tu o pai.

Mario – Então vou pedir a tua mão à tua mãe.

Brigitte – Não tenho a certeza de que isso a vá deixar feliz. Anda há algum tempo a tentar emparelhar-me com o gestor do banco dela, para que feche os olhos aos seus descobertos. Não preferes raptar-me? Seria mais romântico.

Mario – Não te preocupes, princesa, vou dar-te o lugar que mereces.

Brigitte – Um lugar? Preferia uma joia...

Mario – Tu és a minha joia. O lugar de uma princesa é num castelo, não é?

Eles beijam-se. Mario sai. Brigitte entra no bar. Marcelle sai com Ramírez.

Marcelle – Acabei de receber os resultados da primeira volta: o presidente cessante está na segunda volta. E a baronesa vai à frente.

Ramírez – A morte da baronesa coloca o Regador de volta ao jogo.

Marcelle – Dá-lhe um caminho livre para a segunda volta, isso é certo.

Ramírez – Se o encontrarmos antes disso...

Marcelle – Caso contrário, seria o vazio do poder no mais alto nível da comuna.

Ramírez – Uma porta aberta para todo o tipo de aventuras...

Chega Charles, visivelmente afetado.

Charles – A minha mulher morreu!

Ramírez – Estava também no carro?

Charles – Esqueci-me de a avisar sobre a fuga. Atirou-se à piscina quando estava vazia...

Ramírez – Olhe, meu amigo, lamentamos, mas não acha que temos assuntos mais sérios a tratar neste momento?

Marcelle – Estamos a falar do futuro de Rocamor. Que digo? Do destino da democracia!

Chega Francine.

Charles – Ah, Francine! Que bom vê-la. Saiba que sou viúvo...

Francine – Ah, que curioso, eu também. O meu marido engasgou-se com um puré de maçã no hospital.

Marcelle – Engasgar-se com um puré de maçã quando já tinha tido três enfartes... É quase um milagre.

Claude faz uma breve aparição.

Claude – Embora vá ser difícil de certificar.

Marcelle e Ramírez entram no bar. Chega Mario.

Francine – Ah, Mario, terá de passar lá em casa. Tenho uma fuga.

Charles – Como a minha piscina...

Mario – Muito bem, pode contar comigo.

Charles – Mas não sabia que o Mario também fazia canalização.

Francine – Este rapaz sabe fazer de tudo, acredite. Se não fosse romeno, seria o genro ideal.

Mario – Justamente, queria perguntar-lhe uma coisa...

Charles (*interrompendo-o*) – Vamos lá, vou atirar-me de cabeça... (*Para Francine*) Com sorte, não vou estatelar-me no fundo. Está livre esta noite?

Francine – Esta noite e todas as outras, Charles! Já lhe disse, sou viúva há apenas uma hora. Você é o homem que eu esperava para cobrir o meu descoberto...

Charles e Francine saem. Chega René.

Mario – Trouxeste o meu dinheiro?

René – Terei mais tarde, asseguro-te...

Mario – Eu não dou crédito. Um trato é um trato.

René – Hoje, prometo-te, espero receber uma grande quantia. Enquanto isso, conto com a tua discrição, claro...

Mario – Se não tiver o dinheiro esta noite, conto tudo.

Mario e René saem. Chega Maurice. Marcelle e Ramírez saem do bar.

Maurice – Estava mesmo à vossa procura...

Marcelle – Alguma novidade, doutor?

Maurice – Bem, pode-se dizer que sim.

Marcelle – Estamos a ouvir.

Maurice – Os bombeiros conseguiram retirar o corpo incrustado no plátano, e pude fazer um primeiro exame preliminar.

Ramírez – Avance, doutor, diga logo.

Maurice – A vítima tinha as duas orelhas, mas também uma cauda.

Marcelle – Não estou a perceber, doutor...

Ramírez – Receio que eu esteja a perceber.

Maurice – A baronesa era um barão...

Ramírez – A baronesa, um travesti?

Marcelle – Meu Deus! De certa forma, ainda bem que morreu. Foi a mais votada na primeira volta. Imagina? A Aldeia Mais Bonita de França com uma baronesa belga travesti como presidente!

Ramírez – Bom, vamos verificar...

Saem de cena. Entram René e Dominique.

René – Fiquei a saber da morte do marido da Francine...

Dominique – Sim, é muito triste.

René – Achas que ela vai pôr a casa à venda?

Dominique – De qualquer forma, vou fazer-lhe uma proposta.

René – E pensar que foste a última pessoa a ver o Bertrand com vida...

Dominique – Sim... Fui eu até quem lhe deu a última refeição.

René – Que, claramente, lhe ficou atravessada...

Dominique – Às vezes, no puré de maçã ficam pedaços de caroços.

Chega Francine, desolada. Claude sai do bar.

Claude – Soubemos do seu marido...

Dominique – Sim, os nossos mais sinceros pêsames.

Francine – Ah, sim, claro...

Dominique – Parece preocupada... Há algo mais?

Francine – Acabei de saber que a minha filha está grávida.

Claude – Uma candidata grávida, não será fácil para o concurso de Miss Bocas do Ródano...

Dominique – Nem para o peregrino, tampouco...

Claude – Há dias em que tudo corre mal.

Dominique – E quem é o pai?

Francine – Ela diz que não sabe.

Claude – De certeza que não é o Espírito Santo, em todo caso...

Dominique – Acompanho-te, coitada... Vou aproveitar para ver a casa. Agora vai parecer grande, sem o teu marido.

Francine – Sim... Mas agora que a Brigitte vai ser mãe solteira, vou ter de prever um quarto para o bebé.

Dominique – Caramba, não tinha pensado nisso. Temos de descobrir quem é o pai dessa criança...

Saem de cena. Claude volta ao bar. Entram Marcelle, Ramírez e Sánchez.

Marcelle – Já nem me atrevo a perguntar se há novidades...

Sánchez – Infelizmente, há.

Ramírez – Os serviços municipais de estradas analisaram o ADN da vítima encontrada incrustada no plátano.

Marcelle – E então?

Ramírez – Acho melhor sentar-se.

Marcelle senta-se.

Sánchez – É o ADN do presidente da câmara!

Marcelle (*atordoada*) – Pode explicar melhor?

Sánchez – Foi o presidente quem estava a conduzir o carro da baronesa e quem morreu no acidente.

Marcelle – Isso não explica porque estava disfarçado de baronesa...

Ramírez – Tem razão. A cada passo que damos nesta investigação, o mistério só aumenta...

Sánchez – Então foi o presidente quem morreu, e não a baronesa.

Marcelle – E será a baronesa quem será nossa presidente, porque o adversário dela na segunda volta faleceu!

Ramírez – A boa notícia é que a baronesa não tem de ser um travesti.

Marcelle – Mas isso ainda não nos diz onde está...

Saem de cena. Entram René e Charles com o quadro na mão. Claude sai do bar.

René – Tens o meu dinheiro?

Charles – Sim, sim, dou-to já.

Claude – O que é esse disparate?

Charles – É um quadro do René. Vou mandá-lo emoldurar.

René – Porquê? Percebes de pintura?

Claude – No meu ofício, encontra-se todo o tipo de pessoas. A minha avó já geria uma casa de encontros e teve como clientes os maiores pintores da época.

Charles (*impressionado*) – A sua avó dormiu com os impressionistas?

René – Daqui a pouco vai dizer que é neta do Van Gogh...

Claude examina o quadro.

Claude – De qualquer forma, posso dizer que este quadro é do início do século.

Charles – De que século?

Claude – Certamente, não do XXI.

Charles lança um olhar suspeito a René.

René – Vamos, estás a dizer disparates! Pinte este quadro eu mesmo!

Claude – A única pintura fresca neste quadro é a assinatura do René.

Charles olha para René com desconfiança.

Charles – Queres que mande autenticar?

René – Está bem, comprei esta porcaria ao Mario por 50 euros, e não sei de onde ele a tirou.

Charles devolve o quadro.

Charles – Ainda bem que não te tinha pago.

René – Tens a certeza de que não queres ficar com ele? Para a tua lareira é mesmo o tamanho perfeito!

Charles (*com olhar mortal*) – Agradece por eu não te denunciar. Não me surpreenderia se fosse um quadro roubado.

René – De acordo, volto a pintar "A Liberdade Guiando o Povo"...

Charles sai. Chega Mario.

Mario – Tens o meu dinheiro?

René – Não, mas devolvo-te o quadro... O meu comprador desistiu...

René entrega o quadro a Mario e sai.

Claude – Posso dar uma vista de olhos nesta obra-prima em apuros?

Claude entra no bar com o quadro. Marcelle e Ramírez regressam.

Ramírez – E o presidente da câmara? Já pensaram em algo para lhe prestar uma última homenagem?

Marcelle – Teremos um funeral municipal. Com sorte, dar-lhe-ão a Legião de Honra a título póstumo e esquecerão os seus problemas com a justiça.

Ramírez mostra o jornal.

Ramírez – Um pouco de bálsamo para tantas feridas... Já viu? Rocamor foi eleito a Aldeia Mais Bonita de França!

Marcelle – O júri reuniu-se no Hôtel Martinez, em Nice. E, ao que parece, com a ajuda de Madame Claude e das suas raparigas, o presidente cessante fez o necessário para que esta eleição decorresse com alegria e bom humor.

Entra Dominique.

Dominique – Não queria estragar a festa, mas o desaparecimento da baronesa também levanta suspeitas sobre a pessoa que comprou o castelo dela com renda vitalícia...

Marcelle – Já disse que foi comprado por procuração.

Dominique – Mas recusa-se a revelar a identidade do comprador, certo?

Marcelle – O que está a insinuar?

Dominique – Que pode ter comprado o castelo para si própria...

Marcelle aproxima-se de Dominique, ameaçadora.

Marcelle – Digo-lhe que não foi isso que aconteceu!

Dominique – E, além disso, com o desaparecimento dos dois principais candidatos às municipais...

Marcelle – O que mais?

Dominique – Em caso de novas eleições, a primeira adjunta teria boas hipóteses de se tornar presidente...

Dominique e Marcelle estão prestes a envolver-se numa briga.

Ramírez – É verdade, isso dá pelo menos dois possíveis motivos... (*O telemóvel de Ramírez toca.*) A propósito de motivos, o meu está a tocar... Sim... Ah, de acordo. Bem, já lhes digo.

Marcelle abandona o confronto com Dominique, ansiosa por ouvir as notícias.

Marcelle – Receio o que me vai dizer...

Ramírez – O serviço cultural da câmara comparou o ADN do presidente e da baronesa, assim como os dois passes de temporada do teatro.

Marcelle – E então?

Ramírez – O presidente e a baronesa são uma só e a mesma pessoa.

Marcelle – Pode achar engraçado, mas já nada me surpreende.

Dominique – Começo a entender...

Marcelle – Eu não entendo nada.

Sánchez – A baronesa não passava de um disfarce do presidente.

Ramírez – Um duplo, por assim dizer.

Marcelle – Regador e a baronesa? Quer dizer... como o Doutor Jekyll e a Senhora Hyde?

Ramírez – Como o presidente só tinha a baronesa como opositora, estava seguro de ser eleito sob uma ou outra das suas duas identidades.

Sánchez – E sob uma ou outra das suas duas etiquetas políticas.

Marcelle – Neste caso, podemos falar de uma candidatura de união... Todas as tendências políticas e sexuais incluídas.

Ramírez – Infelizmente, o presidente e a baronesa morreram no acidente, já que eram as duas faces da mesma moeda.

Dominique – E Rocamor de Cascabel já não tem presidente.

O presidente entra, precedido por Maurice ofegante e seguido por Charles, René e Mario. O presidente está meio travestido de mulher, num estilo desarranjado devido ao acidente.

Maurice – Apressei-me a emitir o atestado de óbito... O presidente apenas perdeu os sentidos momentaneamente devido à violência do impacto.

Presidente – Calma, estou vivo. Tudo pode voltar ao normal. O vosso presidente está aqui, nada de grave vos acontecerá.

Dominique – Acho que ainda nos deve algumas explicações.

Presidente – De acordo, admito, exagerei um pouco. É verdade, a baronesa de Heineken sou eu.

Charles – Então admite?

Presidente – Inventei a personagem da baronesa para unificar os votos da oposição. Tinha de desaparecer oportunamente entre as duas voltas, depois de cumprir o seu papel como distração eleitoral, deixando-me o caminho livre para ser reeleito na segunda volta. Infelizmente, como sabem, houve alguns imprevistos...

Dominique – E naquela história da venda com renda vitalícia? Quem comprou o castelo?

Presidente – Foi o Mario.

Todos olham para Mario.

Ramírez – Mario?

Presidente – Era só para ser um homem de palha. E eu recuperaria o castelo após o desaparecimento da baronesa.

Ramírez – Um castelo comprado com o fruto das suas corrupções, imagino...

Sánchez – Uma boa forma de lavar a parte dos anjos.

Marcelle – Mas aconteceu o acidente.

Ramírez – Quem sabe se o carro não foi sabotado. Eliminando o presidente, o Mario ficava com o castelo...

Mario – E é isso que vou fazer. Caso contrário, conto tudo à imprensa, aviso-vos.

René – Com uma história destas, seria suficiente para fazer uma grande comédia de enganos...

Ramírez – Se todos concordarem, acho que seria melhor encontrar um bom acordo e encerrar este assunto.

Sánchez – Um bom acordo vale mais do que um mau julgamento.

Presidente – Não vamos denegrir a Aldeia Mais Bonita de França. Afinal, não houve mortos.

Marcelle – Muito bem, então a baronesa é a escolhida, e não se fala mais nisso.

Presidente – A baronesa? Como assim, a baronesa? Mas o meu plano inicial era fazer desaparecer a baronesa...

Marcelle – Aconselho-o a não se armar em esperto, Regador. Já saíram os obituários, pelo menos os seus.

Maurice – E do que se queixa? Terá um funeral grandioso!

René – Talvez até uma estátua na praça da aldeia. Como se tivesse morrido como um herói durante a guerra.

Dominique – Podíamos abrir uma coleta. Afinal, era muito popular em vida. E já sabe que os mortos sempre gozam de um preconceito favorável.

Presidente – Então terei de continuar travestido de baronesa até ao fim dos meus dias?

Maurice – Até ao fim do mandato, em qualquer caso.

Ramírez – Veja pelo lado bom. Assim escapa aos processos judiciais.

Sánchez – Digamos que recupera a sua virgindade política.

Presidente – Mas politicamente terei de mudar de lado!

Marcelle – Não seria a primeira vez que muda de casaca, pois não? Já mudou de sexo, não será por aí.

Chegam Francine por um lado e Brigitte por outro.

Francine – Ah, Brigitte, querida!

Brigitte – Mamã, acho que o Mario tem algo a dizer-te...

Mario – Senhora, peço oficialmente a mão da sua filha.

Brigitte – Segundo todas as probabilidades, ele é o pai do meu filho.

Dominique – A menos que seja um dos jurados da Aldeia Mais Bonita de França...

Mario – Seja como for, vai ser avó, Francine.

Francine – Avó? Não seja grosseiro, além de tudo.

Mario – Faça notar que agora sou proprietário do castelo de Rocamor.

Marcelle – A baronesa ainda não morreu, mas estou certa de que, num espírito de apaziguamento, cederá o usufruto...

Francine – O castelo? A sério?

Claude sai do bar com o quadro na mão.

Claude – Raspei um pouco da tinta e descobri que há outro quadro por baixo desta camada!

Charles – E então?

Claude – Não vai acreditar.

Marcelle – A esta altura...

Claude – Está assinado por Van Gogh!

René – É verdade que ele passou por esta região uma vez.

Charles – Se esta obra for autêntica, valerá uma fortuna.

Charles aproxima-se do quadro, mas Mario interpõe-se.

Mario – Lembro-vos que este quadro é meu. Já que não o quiseram...

Francine – Sempre disse que este rapaz era o genro ideal. Pois bem, vamos celebrar este casamento no castelo de Rocamor, e toda a aldeia será convidada para a festa.

Marcelle – O presidente, em pessoa, terá o prazer de os casar, não é verdade, Madame Baronesa?

Os futuros esposos beijam-se. Toca música nupcial.

Maurice – O casamento da Bela com o Monstro...

René – Outra forma de resolver a luta de classes na Aldeia Mais Bonita de França.

Escuro. Aparição da Virgem em diapositivo. Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-294-4

Documento para download gratuito